

Política e afetos: uma análise psicanalítica através da escuta do jovem eleitor de Jair Bolsonaro

M.^a Flávia dos Santos Nascimento³⁷

Palavras- Chave: Afeto, Escuta, Juventude, Política e Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Em diferentes países do mundo, o aumento das políticas de direita vem se destacando através do fortalecimento de organizações conservadoras, como ficou evidente nos Estados Unidos com a eleição de Trump e com o crescimento de partidos conservadores como na Espanha e Argentina. No Brasil, em junho de 2013, a insatisfação da população diante de diversas questões política, eclodiu em manifestações nas ruas ocupadas por diversos segmentos sociais. Até o momento, estudiosos ainda tentam compreender estas manifestações, que estão sendo cada vez mais conhecidas como as jornadas de maio de 2013. Nos anos seguintes, os grupos que saíram às ruas em 2013, transformaram-se em espaços de polarização mais fortes e que dividiram as eleições presidenciais de 2014. Porém, foram as manifestações de 2015 e 2016 que evidenciaram as divisões políticas estimuladas pela mídia em que o antipetismo era um dos fatores principais de coesão com o discurso pró impeachment, ganhando voz com a narrativa do golpe.

Desde as manifestações de maio de 2013, as ruas voltaram a ser espaços de fazer política e de luta por direitos. Ao longo desse período de manifestações, ao mesmo tempo, em que surgiram novos movimentos de juventude conservadora, também surgiram novas organizações com pautas progressistas. A partir do cenário político em questão, alguns estudos apontam que a direita captura parte desses movimentos, e consegue fortalecer as expressões das suas forças e polarizar grupos, principalmente com o discurso do Antipetismo, com significativa ascensão de lideranças com discursos conservadores, atraindo e se aproximando de grande parcela da população, principalmente do público jovem.

A onda de conservadorismo atual traz à tona questões polêmicas e posições extremistas, principalmente na juventude. Com os impactos causados por esses novos acontecimentos na esfera política e através do contato com uma parcela da juventude durante a pesquisa, foi possível perceber um intenso movimento de jovens conservadores, com

37 Mestre em Psicologia – Universidade Federal de Sergipe (UFS).

discurso de ódio nas redes sociais, principalmente nos grupos de *whatsapp* e no *facebook*. Em alguns momentos, o discurso veiculava entre um desejo de mudança e a descrença com a política e com políticos. Ao mesmo tempo em que esses jovens se manifestavam dessa maneira, uma parcela aderiu ao discurso conservador.

O fenômeno conservador e o crescimento da direita estão fomentando o campo de pesquisas sobre o assunto, como é o caso das pesquisas realizadas pela professora Ester Gallego (2017). As pesquisas da referida autora têm indicado fatores que corroboram a incidência deste fenômeno, dentre eles: a utilização de novas tecnologias como ferramenta política; as transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas nos últimos anos; a crise da esquerda; o processo do impeachment; o aumento das taxas de desemprego; o crescimento de uma classe consumidora; o ódio ao Partido dos Trabalhadores (PT); e o aumento das igrejas evangélicas. Esses são exemplos importantes a considerar para a análise social brasileira, os quais podem potencializar o desgaste no tecido social e se transformar em fatores de risco antidemocrático (GALLEGO, 2017).

REFERENCIAL TEÓRICO

Entende-se neste trabalho que as manifestações de 2013, foram o pontapé para desencadear a onda de conservadorismo e para fortalecer partidos e lideranças políticas com intenções para as eleições de 2018 no Brasil. A reação popular contra os partidos políticos e a forma de fazer política iniciaram-se por um movimento apartidário que não durou muito tempo até partidos e líderes políticos perceberem a oportunidade de se aproximarem desse movimento (SOUZA, 2014).

Mesmo que ainda de forma difusa, e sem intenções definidas, os movimentos que iniciaram em 2013 eclodiram nas eleições de 2018 com uma direita mais organizada, que foi capaz de capturar os sentimentos que estavam presentes ao longo dos anos de manifestações. Em 2014 e 2015, ficaram mais evidentes a descrença e rejeição com a política, a raiva dos partidos que causou uma polarização que culminou na radicalização de extremos que precisam se dividir e se afastarem (ABRANCHES, 2019). Em 2017, uma pesquisa do DataFolha apontou que 60% dos eleitores do então pré-candidato à presidência da República Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), tinham entre 16 e 34 anos. Isso soou como uma surpresa na esfera pública, que é, em grande medida, movimentada pela polarização ideológica que se acirrou no Brasil após 2013.

A decepção com o funcionamento democrático clássico provocou um descrédito da política. A utilização cada vez maior da Internet e sua interferência na vida política produzem novas formas de padrões de sociabilidade e comportamento político. Na lógica dualista presente nas redes sociais, cada integrante de um polo pensa dentro um pacote de valores políticos e morais que é oposto ao seu antagonico (SOLANO, 2018).

As eleições de 2018 foram marcadas por um transbordamento das tensões sociais que permanecem latentes. O conjunto de afetos políticos que emergiu com as manifestações de 2013 com uma efervescência de politização e descontentamento que emergiu em uma campanha polarizada e radicalizada, mobilizou grande carga afetiva dos eleitores, seja pelo discurso de ódio, medo, insegurança, esperança ou crença. Cada vez mais os afetos fazem parte da vida política, afinal a política é feita de seres humanos. Mas a questão relevante aqui é quando esses afetos são mobilizados com alguma finalidade, esse ponto nos parece fundamental para ser refletido neste trabalho.

Há uma forte expressão que está dividindo o país em dois lados – nós/eles, que respondem a estímulos que levam as pessoas a se sentirem pertencentes a um grupo, representadas e com identidade própria, e exige-se, em contrapartida que se tenha outro lado antagonico. Nas entrevistas percebemos que há nitidamente uma divisão que se apresenta entre – *Nós cidadãos de bem* e eles. O novo nós - apresenta o inimigo declarado que é o outro. E, neste lugar de outro, cabem inúmeras definições. Nas falas dos entrevistados diversas vezes eles usam o termo *cidadão de bem*.

Os últimos anos culminaram na produção de dois lados, de um lado, o *cidadão de bem*, que é o trabalhador, honesto e ordeiro e do outro, o delinquente, louco, drogado, o indivíduo fora das bordas que delimitam o possível autorizado pela ordem. Por meio da combinação do medo com a percepção de uma força acima das leis, legitima-se a violência. A norma se impõe pela força e sua lógica é a da produção do anormal, do patológico, em relação ao qual ela deve agir com rigor para curá-lo, eliminá-lo ou, ao menos, anulá-lo. (SOLANO, 2018)

O que nos parece é que esse é um dos modos de representar o medo instalado nas subjetividades das pessoas, um medo que as conduzem a desejarem medidas duras contra os perigos do cotidiano. Associado a isso há uma lógica liberal que mantém o sujeito sob um imaginário de ameaça e caos a ordem econômica e social, e uma política que incita o medo e o ódio como afeto central nas relações, colidindo na produção de um inimigo que precisa ser combatido.

Compreender sociedades como circuitos de afetos implicaria partir dos modos de gestão social do medo, partir de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma. Pois, se, “de todas as paixões, a que sustenta mais eficazmente o respeito às leis é o medo, então deveríamos começar por nos perguntar como ele é produzido, como ele é continuamente mobilizado.” (SAFATLE, 2008, p.18)

Na tentativa de elucidar como os afetos contribuem para os impasses sociopolíticos, é necessário entender o que se entende por afetos neste trabalho. Enquanto sistema de reprodução material de formas de vida, as sociedades adotam tais formas de força de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. Devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis (SAFATLE, 2008).

A dimensão dos afetos comumente se relaciona com os sistemas individuais de crenças, fantasias, o que dificulta o entendimento dele e suas implicações na vida social como sistema de regras e normas. Para entender a dimensão dos afetos enquanto questões ligadas aos vínculos sociais exigiria uma perspectiva diferente, capaz de descrever o funcionamento estrutural da sociedade e de suas esferas de valores. (SAFATLE, 2016)

Acreditamos que essa polarização foi estimulada em dois sentidos: uma que parte das questões econômicas que têm um impacto direto na subjetividade dos sujeitos, e outra que parte de uma sensação de insegurança, de caos na segurança pública do país que incide diretamente nos modos de relações das pessoas e na necessidade de criação de um inimigo em comum que possa assumir a responsabilidade pelo caos.

CONCLUSÃO

Durante o percurso deste estudo, encontrou-se diversos desdobramentos e observações que possibilitaram abrirem o caminho para uma reflexão teórica, e da prática política a partir de algumas características. Pode-se pensar a partir do “narcisismo das pequenas diferenças”, que a maior dificuldade presente no espaço social da contemporaneidade pode estar centrado no confronto com as diferenças e na medida em que indivíduos, segmentos, etnias e classes sociais não suportariam o convívio com tudo aquilo que fosse diferente de si (FREUD, 1921/1981). O ódio pelo outro declarado que, irremediavelmente marcou o século XX com o

nazismo, retrata bem essa matriz da intolerância, que corresponde ao ódio às diferenças, como testemunhamos imergir nas cenas atuais como intolerância política.

Segundo Safatle (2008), a esperança é o afeto fundamental que pode colocar em curto-circuito o medo. Tanto o medo quanto à esperança organizam a experiência através da projeção de um horizonte de expectativas, à projeção de um horizonte seja de um mal que ocorrerá, seja de um bem que ocorrerá, essa ligação vem de uma mesma forma de experiência que esses afetos têm uma relação profunda entre si.

O discurso político contemporâneo é construído através dos afetos e não em um programa de governo. Isso nos remete ao pai soberano, amado e temido, ao qual renunciamos nossas decisões, para depositar nele a confiança, pois se acredita que precisamos é de um pai protetor, que seja capaz de acabar com as ameaças a estes filhos. O discurso cativante e afetuoso estimula o desamparo e deixa a população aflita pela figura do pai protetor, ela é uma espécie de retorno às experiências infantis que infantiliza o eleitorado, afastando-o da realidade. ‘Este’ seduz o eleitor, e ocupa a posição de ideal de eu. Essa fantasia é revivida ao se colocar nesse lugar de afeto, e isso acaba dividindo a população que está tomada por essa desesperança nos tempos de crise.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio Henrique et al. *Democracia em risco. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral*. Companhia das letras, 2019.
- FREUD, S. (1913). *Au-delà du principe du plaisir*. In S. Freud. *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot. 1981.
- GALLEGO, E. S. Crise da Democracia e extremismos de direita. *Análise*, n. 42, 2018. Disponível em: <<https://www.fes-brasil.org/detalhe/crise-da-democracia-e-extremismos-de-direita/>>. Acesso em 10 jun. 2018.
- GALLEGO, E.S.; ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M. *Guerras culturais e populismo anti petista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a reforma de previdência*. *Opinião*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017. Disponível em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2018.
- SAFATLE, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (2ª ed.) Belo Horizonte: Autêntica. 2016.

SOUZA, Regina de Magalhães. *O Discurso do Protagonismo Juvenil*. São Paulo: Ed Paulus, 2014.

Vilém Flusser e a *Bodenlos*: Investigação acerca da falta de fundamento na Pós-História

Iago dos Santos Rabelo³⁸

Palavras-chave: Vilém Flusser, *Bodenlos*, Pós-História.

Resumo

O presente resumo é uma síntese da minha dissertação (em curso) que tem como objetivo principal trazer à tona uma investigação a respeito da falta de fundamento na Pós-História a partir do filósofo tcheco naturalizado brasileiro Vilém Flusser (1920 - 1991). A pesquisa tem como consequência filosófica e intelectual a compreensão do lugar da gente numa sociedade que se baseia em novos tipos de imagens, a saber, imagens técnicas. Tal compreensão de um tipo de situação para o qual caminhamos faz com que possamos ver, do ponto de vista ontológico, isto é, existencial, a maneira como estaremos posicionados numa sociedade pós-histórica. Conforme entendemos de que maneira as imagens técnicas impactam e nos guiam enquanto mapas, entendemos também que o futuro imediato se justifica através das mudanças advindas dos novos *medias*, de modo que estes nos programam desde já para o futuro que parece não ter nenhum tipo de chão ao qual possamos, toda a gente, se agarrar.

O homem sem chão estará lançado às novas visualidades, será lançado a situação nova, uma situação pós-histórica que se constrói hoje. Em suas profecias, Flusser nunca abre mão de profetizar a respeito do futuro imediato da gente que vive utopicamente, o que significa dizer que a gente tende a viver a *Bodenlosigkeit*, isto é, a “falta de fundamento” porque vivemos sem ter em que agarrarmos-nos, justamente porque a consequência de uma existência sem fundamento na sociedade pós-histórica é o resultado do engajamento existencial às novas imagens, que prende a gente não mais à concretude da realidade do mundo formada por imagens tradicionais, porém somente às estruturas dimensionais construídas por pontos - *bits*.

A gente, portanto, tende a caminhar rumo ao universo das imagens técnicas, precipitando nosso estar-no-mundo em direção ao abismo zero-dimensional de uma realidade que se configura ciberneticamente, de maneira virtual. Suas profecias, em certo sentido, podem ser entendidas como pequenas advertências de um futuro que será sintetizado a partir

³⁸ Graduado em Filosofia pela UFS e mestrando em Filosofia pela UFMG na linha de pesquisa Estética e Filosofia da Arte, tendo como orientação o Prof. Dr. Rodrigo Duarte.